



GÊNERO E SEXUALIDADE DE TRAVESTIS NO MARANHÃO.

Juciana de Oliveira Sampaio*

RESUMO

Este trabalho versa sobre as experiências de sujeitos travestis na cidade de São Luis, Maranhão. Através de seus relatos busquei compreender até que ponto efetuam uma conservação ou inovação dos papéis normatizados masculino/feminino, assim como suas vivências conflituosas com diversas instituições. Uma preocupação deste trabalho é desvincular travestis e prostituição, mostrando que estas se constituem em outros espaços, não excluindo a importância do espaço da prostituição em suas construções. Os métodos elencados para a realização do trabalho estão pautados na antropologia. Os dados analisados foram obtidos através da técnica de histórias de vida e de observações diretas junto às travestis.

Palavras-chave: Estudos de gênero, travesti, rede de relações.

ABSTRACT

This work turns on the experiences of travestis citizens in the city of Is Luis, Maranhão. Through its stories I searched to understand until point effects a conservation or innovation of the normatizados papers masculine/feminine, as well as its conflituosas experiences with diverse institutions. A concern of this work is to disentail travestis and prostitution, showing that these if constitute in other spaces, not excluding the importance of the space of prostitution in its constructions. The methods elencados for the accomplishment of the work are pautados in the anthropology. The analyzed data had been gotten through the technique of histories of life and direct comments next to the travestis.

Word-key: Studies of sort, travesti, net of relations.

1 INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas na última metade do século XX inserem no cenário social questões referentes às identidades sexuais e de gênero, tendo como motor para este fenômeno, dentre outras coisas, as questões trazidas pelos movimentos sociais, como o feminismo e o movimento homossexual (gay, lésbica, *trans*, etc.). Desde então, assistimos a uma efervescente aparição de sujeitos que fogem do padrão heteronormativo vigente, que pressupõe a existência de somente duas posições nas relações de gêneros, o masculino e o feminino.

Como um expoente de contestação da “heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2003), os sujeitos *travestis*, juntamente com outros gêneros (gays, lésbicas, drag

*Mestranda-Universidade Federal do Maranhão.

queens, transformistas, crossdressers, etc.) vêm nos mostrar com mais evidência, que os corpos, entendidos aqui no sentido biológico, não produzem performances de gênero, ou seja, não existe nenhum mecanismo que limite estas performances ao número de dois, tal como os corpos genitais. Isto reafirma o mais importante preceito dos estudos de gênero que enfatiza o caráter de construção dos gêneros, ou seja, que estes são frutos de processos histórico-culturais.

Tentando dar conta da experiência das travestis¹, busquei, em meu trabalho monográfico, ouvir suas falas. Como recurso metodológico de “escuta”, utilizei a técnica de histórias de vida como história oral para responder às minhas indagações, que eram, entre outras: Como as travestis constroem os referenciais para a construção de suas identidades? Como estas se constituem frente à norma heterossexual? Até que ponto suas representações apontam para a normalização ou subversão dos papéis normatizados masculinos e femininos? Qual feminino é este da travesti?

Esta pesquisa ficou restrita ao espaço geográfico da cidade de São Luis, logo com inúmeras peculiaridades que sinalizam para a necessidade de cruzamento na análise do gênero com outros eixos, tal como raça, classe social, regionalidade, entre outros. Busquei também distanciar a vinculação existente entre travesti e prostituição, apontando para a necessidade de pensar nesses sujeitos com outras possibilidades de existência.

Para perceber o processo que faz com que alguns gêneros sejam tidos como *normais* e outros não e a que códigos de inteligibilidade estamos submetidos, busquei como referencial os estudos produzidos sobre gênero a fim de que estes me fornecessem elementos que me auxiliassem a compreender esses códigos e como se constituem em referentes de identidade. Neste processo, percebi que o conceito explicitado nestes estudos e algumas idéias centravam-se demasiadamente na constituição da masculinidade e feminilidade (principalmente nesta última) que repousavam em corpos com genitálias respectivas (do macho e da fêmea), normatizando um sistema binário e encarando os outros como *excêntricos, da margem, desviantes*, etc. Ou seja, grande parte destes estudos reforçam a idéia de “gêneros inteligíveis” (BUTLER, 2003), em que se pressupõe uma continuidade entre sexo/gênero/desejo/prática sexual.

Dentre as questões relevantes que observei no meu trabalho monográfico, uma delas se constitui como significativa, portanto, merecedora de ser aqui destacada: as redes de ralações existentes entre as travestis na cidade de São Luís. Devido a enorme exclusão a que as travestis estão sujeitas, cometidas pelas mais diversas instituições, família, escola, mercado de trabalho, etc. como rejeição ao seu modo de existir, constata-se uma tendência

¹Comumente descrita por estudiosos e pelo movimento *trans*, como um ser que porta genitália masculina, mas que mantém alguns atributos, tais como roupas, acessórios, técnicas corporais, que são considerados femininos; o artigo a que antecede o termo travesti atende às próprias reivindicações dos sujeitos envolvidos, por fazer menção à feminilidade.

de aglutinação destas pessoas, expressas pelas proximidades residenciais e pelos fortes laços de amizade entre elas, o que não exclui, entretanto, a existência de disputas e conflitos. As relações de solidariedade, porém, mostram-se fundamentais, visto serem indispensáveis para o processo de aprendizagem do *ser travesti*, onde ocorre uma intensa circulação de informações que contribuem na constituição de suas identidades.

Outra questão que surge e que oferece elementos para a análise é a contribuição que o grupo dá para a fortificação da auto-estima, visto que neste espaço de convívio torna-se mais visível as características tidas como desvantajosas serem comuns aos membros. Neste sentido, são empreendidas inúmeras práticas de preservação e fortificação do grupo, como por exemplo, a utilização do *bajubá*, linguagem elaborada por elas que possuem “algumas aproximações de vocábulos recorrentes nos terreiros de candomblé, Mesclado, Yorubá ou nagô com diferenças entre o povo do santo – dos terreiros – e o universo gay” (LODY, 1995). Com isso, elas garantem uma livre comunicação interna sem que os de “fora” entendam. Entretanto, essas informações (não só com relação à linguagem) são muito restritas, não sendo passada para as que não estão dentro daquela rede de relações.

Um traço que sobressai nas narrações destas travestis é no que diz respeito a conflitos familiares, que, em sua maioria, resulta na inevitável saída de casa, às vezes por expulsão, outras por decisão própria, na medida em que não suportam mais as regras impostas pela família, as recriminações e proibições de várias espécies. Neste momento de saída de casa, geralmente entre os 12 e 14 anos, é que as travestis entram em contato com outras travestis, o que pode ser compreendido como um rito de passagem, pois “deixar o lar parece ser um momento crucial em seu processo de construção” (BENEDETTI, 2005, p. 102).

Quando elas vão para a rua é que a possibilidade de convívio com as iguais surge ou se torna mais intenso, caso já exista. O encontro pode ocorrer nos mais variados espaços, como praças, *pistões*, salões de beleza, bares, boates, etc. Estes locais se constituem também como locais de aprendizagem das técnicas de transformação, não se resumindo a eles. É na convivência, que os segredos de *montagem* são adquiridos, truques de sedução, dicas para relacionamentos ou simplesmente as observações das mais velhas pelas recém-chegadas.

Há algum tempo a Antropologia vem sendo atravessada pelas questões de gênero. O oposto também ocorre, vários estudos de gênero vêm recebendo o enfoque da Antropologia. Foi com o trabalho “Sexo e temperamento” da antropóloga Margaret Mead, que podemos considerar que o gênero foi introduzido como uma “questão antropológica etnograficamente documentável” (SEGATO, 1998). A grande novidade deste estudo é a idéia de que o masculino e o feminino podem ser representados livres das anatomias de

homens e de mulheres, ou seja, elucidou que essas posições são relativas dependendo, desta forma, da organização cultural. Por mais que o trabalho de Mead tenha surgido antes dos estudos de gênero e até mesmo antes da elaboração de “gênero” como um conceito de análise, sendo mais correto afirmar que a autora discorreu sobre “papéis sexuais”, não podemos negar que sua concepção desestabilizou o pensamento ocidental de tendência a “genitalizar as identidades sócio-sexuais”, ou melhor, de achar que determinada anatomia resulta no desempenho de um dado papel de gênero.

Esse e outros estudos antropológicos surgidos ainda na primeira metade do século XX tratavam da questão, como diz Marcos Benedetti, em termos de uma “inversão sexual” e, posteriormente, como “inversão de gênero”, o que é fruto de uma forma etnocêntrica que faz com que seja tomado um parâmetro de “normalidade”, de referencial ocidental, essencializando, desta forma, os papéis de gênero. Neste período, o que se destaca são os estudos sobre as *berdaches*, que segundo Benedetti eram:

...indivíduos que, nascidos homens, passavam a adotar vestimentas e comportamentos femininos, executavam tarefas e atividades nitidamente destinadas às mulheres e praticavam sexo como outros homens, geralmente no papel passivo. Esses indivíduos eram conhecidos como pertencentes ao gênero feminino e desfrutavam de papéis sociais legítimos, e, às vezes, específicos nas culturas em que viviam. As *berdaches* se tornaram um caso etnográfico clássico de descrição na disciplina antropológica e nos estudos de gênero... (BENEDETTI, 2005, p. 22).

Esses estudos, estando dentro da “Escola Culturalista”, falavam de um “desajuste social” e davam ênfase à questão da formação cultural da personalidade e à relação entre indivíduo e sociedade, “além disso, esses trabalhos pautavam-se pelas idéias de diferença e exotismo do “outro”, definidas pela competência antropológica da época” (Beneditte, 2005, p. 22)².

Com relação aos estudos de gênero, em fins da década de 1940 o estudo de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, lançou sua base ao afirmar: “Ninguém nasce mulher: torna-se uma. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no meio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, p. 9, 2000), desvinculando assim o sexo do gênero, o primeiro sendo encarado como o estritamente biológico, anatômico e o segundo como a interpretação deste na cultura.

Podemos fazer uma analogia desta idéia de Beauvoir - adotada por muitas autoras – com a oposição lévi-straussiana entre cultura e natureza e perceber algumas implicações que vem nos trazer ao pensarmos no caráter construído dos gêneros e nas formas que possuímos para pensá-lo. Durante algum tempo, feministas tomaram esta

²Dentre estes trabalhos sobre as *berdaches*, podemos apontar os de Levy (1971), Mageo (1992), Clastres (1990), Wikan (1977), etc.

fórmula da antropologia estruturalista natureza/cultura como suporte para a distinção sexo/gênero. Judith Butler (2003), aponta para o fato de que não existe um mecanismo cultural estável, sendo impossível localizar o momento exato em que o estado de natureza/sexo passa para o de cultura/gênero. Seguindo o raciocínio da autora, o sexo seria desde o início gênero, visto o corpo só existir dentro dos limites culturais. Em suas palavras: “(...) o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “o sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2004, p.25).

Grande parte dos trabalhos realizados sobre travestis retrata suas vidas ligadas ao ambiente e ao ofício da prostituição. Podemos até falar em um certo conservadorismo antropológico na medida em que conferem ao grupo um estatuto essencial e ontológico da prostituição ao afirmar ser esta de fundamental importância na construção de suas subjetividades, terminando por corroborar com a naturalização de desigualdades historicamente construídas em torno do grupo. Não estando negando o espaço de prostituição travesti como importante para a construção de suas subjetividades, este trabalho focalizou outros ambientes, assim como o momento dia.

Os estudos sobre estes gêneros não *inteligíveis* (BUTLER, 2004), com mais ênfase que os estudos de gêneros iniciais, vem chamando atenção, entre outras coisas, para o caráter de fabricação das identidades sócio-sexuais. Ao não corresponderem aos papéis normatizados do masculino e do feminino, mostram outras possibilidades de “gendramento” e evidenciam a elaboração dos demais papéis, ou nas palavras de Butler, das performances. Sônia Maluf, ao analisar o filme *Tudo sobre minha mãe* de Pedro Almodóvar, discorre sobre o fenômeno transgênero e lança a idéia de que a experiência desses sujeitos é baseada em um constante “tornar-se outro”, onde sua subjetividade assenta-se mais no processo de transformação do que em um fim propriamente dito:

Sua afirmação pública é feita pela exibição de seu corpo exatamente pelo que ele é: um corpo transformado, fabricado, que aparece e se afirma como corpo fabricado, não um corpo substantivo, objetificado, mas corporalidade, veículo e sentido da experiência. A autenticidade desse corpo, segundo o próprio discurso de Agrado, sua ‘natureza’ estaria no processo que o fabricou. Ao dizer que o que tem de mais autêntico é o silicone, Agrado está revelando que o ‘autêntico’ nela é justamente produto de sua criação, da intervenção de seu desejo, de uma agência própria. (MALUF, 1999, p. 145-146)

Quando Agrado, personagem do filme, se prontifica a falar de si, aponta somente as transformações hormonais e as intervenções cirúrgicas empreendidas em seu corpo. Esta é uma característica observada por todas/os que realizaram trabalhos com esse grupo. O que observei em minha pesquisa é que este desejo de transformação só é ativado no

encontro com os pares, mesmo elas tendo experimentado insatisfações com o corpo desde a infância.

É na aproximação com as outras travestis que já iniciaram seu processo de transformação que elas “dão corpo”, no sentido literal, às suas insatisfações. Podemos falar em uma aprendizagem e modelagem de desejos que se concretizam a partir do que é passado pelo grupo e isso vai desde a utilização de acessórios, como roupas, perucas, bijuterias, sapatos de salto alto, de intervenções cirúrgicas, como aplicação de silicone (líquido e/ou prótese), ingestão hormonal, de técnicas corporais que expressam uma maneira de gesticular, falar, sentar, andar, deitar, pegar, enfim, de se comportar à expressão de sentimentos que indicam as formas de amar, sorrir, chorar, de ter orgasmo etc.

Marcel Mauss (2003) mostra que as técnicas corporais correspondem a um ensino técnico, uma aprendizagem, em que as habilidades são aprendidas lentamente, sendo que o elemento fundamental desta arte de utilizar o corpo é a educação. Neste sentido, as técnicas do nascimento e da obstetrícia, da infância, da adolescência, da idade adulta, do sono, para citar alguns exemplos, não são naturais, mas sim maneiras adquiridas no seio de determinada sociedade. Para o autor, as maneiras dos indivíduos desempenharem suas técnicas corporais são frutos de uma idiosincrasia social “e não simplesmente um produto de não sei que arranjos e mecanismos puramente individuais, quase inteiramente psíquicos” (p. 404).

Rompendo esta idiosincrasia social, as travestis subvertem a ordem que Mauss apontou quando discorreu sobre a divisão das técnicas do corpo entre os sexos: “há uma sociedade dos homens e uma sociedade das mulheres”. Nascedo com a genitália masculina, esses sujeitos subvertem esta ordem ao não “incorporar” seu papel de homem e constroem em conjunto uma feminilidade peculiar, apropriando-se de técnicas atribuídas histórico e culturalmente às pessoas biologicamente femininas. O que não quer dizer que esses sujeitos passam para o pólo do feminino, mas que se mantêm em um movimento entre/além de ambos.

Com relação à expressão dos sentimentos, ainda Mauss (2001) vem nos falar que os sentimentos, não só choros, mas os demais de expressão oral são fenômenos sociais e não somente fisiológicos e psicológicos, são eles “marcados eminentemente pelo signo da não-espontaneidade, e da obrigação mais perfeita” (p. 325). Neste sentido, também podemos falar de uma aprendizagem dos modos de sentir e de se expressar das travestis, mais uma vez apontando para a importância do contato com o grupo para que os códigos sejam adquiridos. As expressões dos sentimentos são, então, elementos essenciais, visto não serem somente expressões de sentimento, mas “ao mesmo tempo, signos e símbolos coletivos...” (p. 334), o que imprime nos sujeitos travestis uma pertença ao grupo.

Na Antropologia, alguns autores falam sobre sistemas de trocas presentes em algumas sociedades e seu caráter de reciprocidade, onde o aspecto econômico não é o fundamental. As análises feitas sobre o tema são importantes para percebermos algumas relações entre os membros dos grupos de travestis. Malinowski (2003) analisa as relações de troca e as obrigações recíprocas e mostra que entre os trobriandeses existe um sofisticado direito civil que fornecem um amplo espaço para a expressão de interesses individuais. Segundo o autor, as trocas nessas sociedades não são realizadas a esmo, ou seja, os indivíduos não comercializam ao acaso e sim efetuam suas trocas com outros que estejam ligados por algum laço de afinidade, baseado numa concessão mútua equilibrada e de longo prazo.

Estas observações podem ser estendidas para as redes de relações de travestis em São Luís, na medida em que os grupos se fortalecem e se mantêm por intensas trocas, tanto de objetos quanto de informações referentes aos processos de transformação, de preservação e defesas do qual necessitam. Entre elas, uma rede de comércio é elaborada, onde ocorre uma intensa circulação de objetos (roupas, sapatos, bijuterias, tintas de cabelo, lentes de contato, perfumes, etc.) sempre a preços mais baratos que em lojas ou trocados por peças que se equivalem. Caso não tenha o dinheiro ou algo que possam efetuar a troca, ficam com uma dívida que pode ser posteriormente quitada, ou efetuada com algum favor do tipo, garantir o lugar em algum ponto de prostituição, abrigar por algum tempo, caso esteja sem moradia, etc.

2 CONCLUSÃO

Inúmeras outras questões sobre as dinâmicas de fabricação do *ser travesti* poderiam ser destacadas, visto que este é um processo que nunca se encerra, o que não as diferencia em nada dos gêneros normatizados. Dentro dos esquemas inteligíveis é até possível de diferenciá-las porque o “tornar-se” é adiado. O corpo não é uma evidência, no sentido de que não produz condutas. O projeto das travestis nos mostra isso. Elas estão constantemente produzindo um corpo próximo do feminino, o que poderia fazer com que eu chegasse a conclusão de uma aproximação do referencial legítimo homem-mulher. Entretanto, algumas de suas afirmações indicam um embate com a matriz de heterossexualidade.

O feminino que elas estão em busca e que fabricam em suas performances de gênero, por mais que se inspirem na mulher, adquire uma forma bem peculiar. A afirmação da maioria das minhas interlocutoras de “querer ser *como uma mulher*” já as distancia da idéia corrente de que são “homens que desejam ser mulheres”. Seguindo esse desejo de

ser *como uma* e não *uma* mulher, usam sua imagem corporificada, mas, por vezes, afirmam querer superá-la, tomando como parâmetro uma imagem estereotipada, um modelo, onde os atributos de frágil, dominada, submissa, inocente, passiva estão presentes. Muitas desejam ser respeitadas como travestis, o que aponta para a necessidade de dá visibilidade ao caráter construído de seus corpos. Não fechando em afirmações, os movimentos de conservação e desestabilização da norma se cruzam.

A pesquisa que desenvolvi durante o curso de graduação buscou ouvir das travestis de São Luis como elas se representam, como constroem seus corpos, seus gestos, seus sentimentos, como vivem seu cotidiano driblando as normas institucionais. O que foi exposto na escrita não é nenhuma verdade fixa. É o que elas queriam me dizer, me mostrar em um determinado momento e minhas interpretações disto. No entanto, muitas coisas me escaparam por mais que eu tentasse permanecer com o olhar vigilante.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**: O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DAMATTA, Roberto da. **A casa e a rua**. São Paulo: Rocco, 2003.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime e costume na sociedade selvagem**. Brasília: Editora universitária de Brasília; São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 2003.
- MALUF, Sonia. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. In: **Estudos feministas**, v. 10, N. 1/2002.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- _____. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- _____. A expressão obrigatória dos sentimentos (Rituais orais funerários australianos) (1921). In: **Ensaios de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LODY, Raul. Dialeto criado pelos travestis da prostituição para se defenderem dos ataques sofridos: Para compreender a diferença. In: **Diálogos de bonecas**: uma publicação da Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL) com recursos do Projeto Saúde na Prostituição, 1995.

SEGATO, Rita Laura, 1998. *Os percursos do gênero na antropologia e para além dela*. In: **Série antropologia** 236, Brasília.